

O excurso do Velho corício (IV 125-148) e a felicidade humana nas *Geórgicas*

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução

O assim chamado “excurso do Velho corício”, presente no quarto e último livro das *Geórgicas* virgilianas, permite-nos conjeturar sobre as ideias do poeta em planos distintos do de sua mera inserção na parte do poema vinculada à apicultura, em que se encontra. Desse modo, depois de apontar alguns nexos (ou divergências) entre o mundo em miniatura das abelhas e o horto pertencente a essa personagem imaginária, conforme retratada por Virgílio, passaremos a interpretá-la, através do eventual auxílio dos críticos, com remissões a outras partes ou elementos constitutivos dos sentidos do poema, com vistas à abordagem do assunto da felicidade humana nesse texto.

De início, então, lembramos a provável “inspiração” virgiliana para a escrita do excurso em certa passagem do *De re rustica* de Varrão reatino,¹ seu imediato predecessor na literatura agrária romana, na qual a personagem de Mérula fizera saber a todos o caso de dois irmãos de Falérios chamados Veiânios,

¹ WILKINSON, 1997, p. 102-104 (a passagem, no próprio Varrão, corresponde a *De re rustica* III, XVI 10-11).

ex-soldados na *Hispania* sob as ordens de ninguém menos que o autor desses diálogos rústicos... Tais homens, sem grandes heranças familiares, tinham recebido do pai apenas uma “pequena casa de campo e uma terrinha, sem dúvida, não maior que uma jeira”. Não obstante, desejosos de obter o melhor possível dos bens materiais assim constituídos, tornaram-nas um organizado apiário, dotado de colmeias em volta da casa rústica, de um jardim e de uma plantação de tomilho, codesso e melissa, com específicos fins de prover os animais de boas fontes de néctar.

Como resultado de seu esforço e esmero na condução das atividades produtivas do apiário, os Veiânios, conta-nos Varrão por intermédio fictício do interlocutor constituído por Mérula, lograram grande sucesso financeiro com seu negócio, nunca vindo a obter, da venda dos produtos, menos de dez mil sestércios de rendimento. Ora, como a abordagem da apicultura pelo Varrão *auctor rerum rusticarum* se enquadra no derradeiro livro desses seus diálogos votados ao tratamento das principais técnicas agropecuárias antigas, podemos com certeza afirmar, dada a exclusão de um tópico como esse ao simples plano dos deleites da vida no campo – a exemplo da piscicultura e da avicultura ornamental –, que sempre se trata de algo afim a um modelo de vida pautado pela busca do lucro.² A propósito, diante das exigências de consumo a cada dia mais refinadas na cosmopolita Roma dos tempos do autor, eram as atividades vinculadas à *uillatica pastio* aquelas mais capazes de dotar os produtores de ganhos substanciais,³ muitas vezes a despeito da exiguidade das terras possuídas e do espanto daqueles

² Sobre algumas conciliações entre *utilitas* e *delectatio* na obra varroniana de que nos ocupamos, cf. LEHMANN, 2002, p. 272.

³ VARRÃO, *De re rustica* III, II 14-17.

ainda aferrados a modos tradicionalistas de compreender a dinâmica produtiva itálica.

Contrastivamente, decerto as preocupações de Virgílio ao escrever o livro quarto das *Geórgicas* – de todo centrado no tema técnico da criação de abelhas e não, como em Varrão, disperso pelos tantos tópicos possíveis da grande zona econômica da *uillatica pastio* –,⁴ ou até o conjunto da mesma obra, furtam-se a verdadeiros intentos de instrução para os fazeres práticos ou o sucesso financeiro do *agricola* romano. Isso significa, portanto, caso venhamos a aceitar a derivação de conteúdos pelo poeta, neste excurso como em tantas outras passagens, a partir do *De re rustica* varroniano, que não se trata, em absoluto, de uma postura de servil reprodução de pontos de vista estranhos a si, mas, antes, de um gesto de corajosa adaptabilidade do alheio a propósitos internamente motivados.

Para os fins que nos dizem respeito nesta exposição, assim, isso significa que “ser bem sucedido” à maneira virgiliana no excurso do Velho corício não corresponderá, semelhanças à parte, a sê-lo conforme Varrão, por adotar uma ótica francamente utilitarista,⁵ viera a defini-lo ao tratar da “felicidade” dos irmãos de Falérios. A clara apreensão dessa ideia se reveste de grande importância para nós, pois, decerto afinados com a tendência crítica de ver nas *Geórgicas* uma espécie de rico e simbólico caleidoscópio de toda a experiência humana no mundo – seja ela relativa às interações de nossa estirpe com a natureza, com os semelhantes humanos ou com o plano sublimado do divino –,⁶ a seguir adotaremos a postura de considerar esse trecho do livro IV do poema como uma espécie

⁴ CODOÑER, 2007, p. 768.

⁵ WILKINSON, 1997, p. 103-104.

⁶ TREVIZAM, 2006, p. 181-258.

de proposição de um caminho de vida que se furta, de forma decisiva, não apenas à imediata defesa de fins pecuniários quaisquer, mas, ainda, aos estreitos âmbitos da vida agrária itálica coeva a Virgílio, assumindo colorações de universalidade.

Aspectos descritivos do “excurso do Velho corício” e sua inserção no plano contextual do livro IV das *Geórgicas*

Nessa passagem das *Geórgicas*, que não se identifica com um trecho de estrita preceituação para a lida agrícola, mas, como é comum no gênero da poesia didática antiga, trata-se de uma momentânea variação do modo discursivo para o narrar,⁷ o *magister* oferece-nos algumas supostas reminiscências de sua memória. Assim, certa vez – em nebulosas circunstâncias de todo omitidas, por sinal –, ele teria visto com seus próprios olhos “sob as torres da cidade Ebália, onde o negro Galeso banha louros campos”, a própria personagem a que, aqui, nos referimos. Importa dizer que “corício” indica a origem étnica do Velho e corresponde a “da Cilícia”, na Ásia Menor; o adjetivo “Ebália”, por sua vez, refere-se a Ébalo, antigo rei de Esparta, e o todo da expressão – “cidade Ebália” – designa, à maneira alexandrina, a localidade itálica de Tarento, que tivera nos gregos dóricos seus colonizadores.⁸

Segundo uma antiga tradição interpretativa, que aqui reportamos apenas por dar a conhecer alguma saída para o impasse da nacionalidade do Velho – por que, em específico, um corício? –, após 67 a.C. e sua fulminante campanha de

⁷ TOOHEY, 1996, p. 4.

⁸ Cf. comentário de Richard F. Thomas ao livro IV – v. 125 – das *Geórgicas* de Virgílio (VIRGIL, 1997, p. 170).

pacificação do Mediterrâneo contra os piratas que o infestavam, o general romano Gneu Pompeu Magno – 106 a 48 a.C. – assentara “ex-salteadores dos mares” em terras graciosamente oferecidas para apaziguar-lhes a cobiça.⁹ Uma das zonas escolhidas para esse pacato desfecho da vida de alguns teria correspondido, justamente, aos entornos de Tarento, no extremo sul da Península Itálica, e o tal corício, como já nos relata um antigo comentador de Virgílio, Mário Sérvio Honorato – séc. IV d.C. –, fora um dos privilegiados com as doações devido à desistência de sua pregressa vida na criminalidade.¹⁰

E, com aceitarmos a ficção experiencial do *magister agri culturae*, ele divisou junto com esse Velho seu ambiente de interação no mundo. Tratava-se, assim, de poucas jeiras de campo abandonado, impróprio para os “novilhos” (v. 128), para os “rebanhos” (v. 129) e para “Baco” (v. 129). Valendo-se da própria industriiosidade e destreza no cultivo de outros dons da terra, no entanto, ele conseguira transformar esse terreno num rico jardim, onde abundavam “legumes” (v. 130), “lírios brancos” (v. 130-131), “verbena” (v. 131), “papoulas” (v. 131), “rosas” (v. 134), “frutos no outono” (v. 134), “jacintos” (v. 137), “abelhas” e “mel” (v. 139-141), “tílias” (v. 141), “pinheiros” (v. 141), “olmeiros” (v. 144), “ameixeiras-bravas” (v. 145) e “plátanos a darem sombra para quem bebia” (v. 146.). Com isso, era como que um “igual dos reis em riqueza” (v. 132), enchia sua mesa à noite “de alimentos não comprados” (v. 133), diligente, adiantava-se às estações para tosar nos gelos do inverno a “coma do jacinto” (v. 138), conseguia “méis espumantes” dos favos que pressionava (v. 140-141) e até transplantava árvores já adultas para seu terreno (v. 144-146).

⁹ Cf. comentário de Richard F. Thomas ao livro IV – v. 127 – das *Geórgicas* de Virgílio (VIRGIL, 1997, p. 170-171).

¹⁰ WILKINSON, 1997, p. 174-175.

Como óbvio escape interpretativo para a composição e inserção desta passagem no livro IV das *Geórgicas*, lembremos de novo, além do fato de que nos vemos, aqui, diante de uma parcela da obra de todo votada ao tópico técnico da apicultura – o que, naturalmente, convida o *magister agri culturae*, ao menos, a tangenciar o tema do cultivo dos jardins e das flores, donde, como sabemos, os insetos obtêm o néctar necessário à produção do mel –, que a precede imediatamente uma sucinta, mas eficaz, menção por Virgílio de certas ervas propícias ao mesmo fim (v. 116-124), composta à maneira de uma falsa *praeteritio* poética. Alegando, assim, esgotamento a alturas tão adiantadas da composição do poema e a conveniência de já ir “aportando”, isto é, dirigindo objetivo a “nau do engenho” para o término da obra,¹¹ o poeta acaba, todavia, por realizar em escala modesta aquilo mesmo de que dizia desviar-se. Nesse sentido, o excurso do Velho corício vem a enquadrar-se sequencialmente em tal listagem como seu desdobramento natural, uma espécie de “aplicação”, em espaço e tempo restritos, da ampla variedade botânica desejável ao sucesso de todo bom apiário...

Por outro lado, considerando que o cotejo da vida do Velho com a frugalidade das abelhas virgilianas do livro IV do poema tem sido uma prática frequente entre abalizados críticos,¹² destinamo-nos agora à mesma tentativa de aproximação (ou distanciamento). Dessa maneira, a sociedade das abelhas é descrita por Virgílio como, em muitos aspectos, exemplar: em contraste com a turbulência da vida no livro III das *Geórgicas*, em que *Amor*, compreendido como o instinto sexual de homens e animais, era portador de desassossego, riscos e, até, morte,¹³

¹¹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 116-117.

¹² Cf., entre outros casos relatados pela própria autora, as abordagens de Jenny Strauss Clay [CLAY, 1989, p. 183ss.].

¹³ VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, v. 242ss.

ensina-nos o poeta que tais insetos, supostamente, reproduzem-se assexuadamente, pela mera “colheita” dos filhotes por entre as flores; ainda, desconhecem os horríveis sofrimentos da parturição.¹⁴

Para Jenny Strauss Clay, a vida solitária desse homem idoso em seu pequeno jardim nas imediações de Tarento afinase com a “beatitude” da dessexualização das abelhas em Virgílio,¹⁵ pois correspondia a velhice, segundo o pensamento antigo, a um tempo de gradativo esfriamento amoroso.¹⁶ De fato, a cultura latina tendia a assimilar os ardores erótico-passionais a uma espécie de febre juvenil, ocorrendo que, salvo em caso de desenfreada libertinagem,¹⁷ os mais maduros já não se entregassem tanto a tais ocupações...

Por seus próprios recursos, ainda, o Velho corício aproximase da frugalidade naturalmente esperada das habitantes das

¹⁴ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 199.

¹⁵ CLAY, 1989, p. 186-187.

¹⁶ CÍCERO, *Cato Maior*, XII 39 (em tradução de V. L. Soto – Cicerón. *Catón el Viejo. Lelio o de la amistad*. Traducción directa del latín por V. L. Soto. Barcelona: Editorial Juventud, 2005, p. 121): Sigue a continuación el tercer reproche de la vejez, porque dicen que carece de los deleites. Oh don nobilísimo de la edad, si ciertamente aleja de nosotros lo que es más vicioso en la juventud!

¹⁷ JUVENAL, *Sátira* VI, v. 186-199 (em adaptação de Pignatari, D. *31 poetas, 214 poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 52): Não fosse vergonha maior ignorar latim./ É grego para tudo: ódio, alegrias, problemas,/ Os sentimentos mais íntimos. E ainda há mais:/ Transam em grego... Dá-se desconto, se são jovens,/ Mas há quem agunte uma velhota babujando:/ ‘SOE KAI PSYCHE!’ (Minha vida, minha alma!)? Ninguém/ Resiste a sussurros lascivos: eles têm dedos,/ Mas por mais que sejam carinhosos seus murmúrios/ Imitando a mais sensual artista de teatro/ – Sobretudo em grego – nada feito. Com efeito,/ A sua cara não pode remarcar os anos.

colmeias. Referimo-nos, obviamente, ao fato de essa personagem, como suas correlatas no mundo zoológico, em última instância extrair todo o sustento do que as plantas – ou flores – podiam oferecer-lhe. Aqui, porém, faz-se necessária uma ressalva a qualquer tentativa de aproximar em demasia este plano humano e o mundo natural: pelo “catálogo” dos dons rústicos que acima dissemos maravilhosamente extraídos pelo Velho de suas pobres terras – em que se incluem, ao lado do mel, legumes, indefinidos “frutos” (v. 134), ameixas e, enfim, papoulas cujas sementes explicitamente se nos apresentam como comestíveis¹⁸ –, notamos relativa ênfase naqueles ainda passíveis de deleitarem os sentidos “estéticos” do cultivador. “Lírios”, “verbenas”, “rosas”, “jacintos”, ou mesmo árvores como as “tílias” e “plátanos” – no último caso, mostrando o poeta como são prazerosos para quem deseja refrescar-se com água pura à sua sombra! –,¹⁹ como jamais se menciona na passagem o proveito de produtos deles *imediatamente oriundos*, embelezam o cenário de modo decisivo e parecem também cultivados com fins de gosto do único habitante humano das paragens, correspondem, do ponto de vista prático, a algo de secundária importância.

É claro que, cogitamos, as abelhas das quais o Velho obtém o mel (comestível) poderiam eventualmente até extrair o néctar dessas plantas de exuberante forma e/ ou odor, mas, para quem as vê e cultiva tão amoroso, rosas lírios, jacintos e plátanos já justificam *por si* todos os cuidados necessários. De novo aludindo a algumas ideias de Clay,²⁰ a parcial “gratuidade” do horto do Velho corício possibilita-nos aproximá-lo de uma outra importante figura do livro IV das *Geórgicas*, vale dizer, de Orfeu de todo talentoso com os dotes poéticos e, ainda,

¹⁸ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 131.

¹⁹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 146.

²⁰ CLAY, 1989, p. 187.

absorvido até a morte pela inebriante beleza de Eurídice, sua jovem esposa desastrosamente arrebatada à vida.²¹ Ora, quando justaposta a Aristeu – ironicamente, o causador da desgraça desse casal mítico ao perseguir desejoso Eurídice nos campos, com o que ela, em fuga, veio a pisar na serpente peçonhenta responsável por matá-la –,²² a personagem de Orfeu, tão pouco afinada com as necessidades *práticas* da existência no mundo, encontra-se em desvantagem. Aristeu, assim, mítico descobridor divino da domesticação das abelhas e, após o deslize pessoal diante da impossibilidade de dominar o próprio desejo, religiosamente capaz de espiar os malefícios causados aos *Manes* de Orfeu e Eurídice,²³ vindo, pois, a recuperar as abelhas perdidas pela prévia maldição deles, encaixa-se melhor no papel de *agricola* provedor da própria existência, sem perder-se em “estéreis” devaneios.

Desse modo, em que pese à aparente dedicação a uma vida de modesta autossuficiência no trabalho, o Velho retratado no excurso conta, segundo as palavras de Clay, com elementos de *artista* em sua personalidade.²⁴ Se com isso mencionarmos – além das supracitadas chances de gratuita fruição por ele das plantas e flores do horto – a ideia de que fazer um jardim também corresponde a *compór*, não com melodias e palavras, como Orfeu, mas com cores, formas e arranjos no espaço, essa impressão da “gratuidade” de certos prazeres humanos diante da total “praticidade” das abelhas decerto resultará esclarecida.

Deve-se ainda observar, por outro lado, que, enquanto as abelhas descritas por Virgílio correspondem a seres altamente

²¹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 453ss.

²² VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 457-459.

²³ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 547-558.

²⁴ Cf. *supra* nota 20: The old man, to be sure, is neither a poet nor an artist. (...) But he possesses the human pre-condition for art: *amor florum*.

gregários, não se podendo prescindir, na caracterização das mesmas, dos vários papéis sociais que desempenham em mútuas interrelações com as pares,²⁵ o Velho corício, ao que tudo indica, vive só, em uso exclusivo, mas sábio, de um pobre e pequeno terreno, bem pouco atrativo para as ambições alheias. Além da face positiva das íntimas interações sociais das abelhas, representadas por sua cooperação em obter o mel,²⁶ tratar dos filhotes,²⁷ defender as colmeias de ameaças²⁸ e servir ao líder,²⁹ elo essencial de coesão da comunidade, não nos podemos esquecer aqui de certos aspectos negativamente apresentados pelo poeta: sobretudo, de um modo de todo evocativo dos horrores humanos, esses insetos também podem guerrear entre si,³⁰ algo, ao que tudo indica, agora impensável para o pacato ancião sob nossos olhares.

Como balanço geral da “beatitude” do Velho diante daquela dos pequenos insetos que cria e a que, em parte, se assemelha, por ora podemos dizer que o sossego do alheamento às armadilhas do amor, bem como a frugalidade de uma vida ativa no próximo contato com a natureza e com vistas, sobretudo, a uma honesta sobrevivência harmonizam homem e abelhas num poema destinado, entre outros possíveis propósitos, inclusive a advertir dos excessos da paixão e a convidar ao refreamento da cobiça.³¹ Mas, se o Velho corício, em seu radical afastamento – para o bem e para o mal – de qualquer interação humana, não

²⁵ CLAY, 1989, p. 187.

²⁶ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 156-157.

²⁷ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 162-163.

²⁸ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 165.

²⁹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 210-212.

³⁰ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 77-87.

³¹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* II, v. 510.

pode ser infeliz nas guerras como as abelhas (ou muitos cidadãos ambiciosos),³² chega, na verdade, a desfrutar de alegrias de “artista”³³ impossíveis para esses animais. Apesar do que dissemos acima sobre a desvantagem prática de Orfeu diante de Aristeu, aparente campeão da vida ativa,³⁴ e, caso o desejemos, da face até certo ponto “gratuita” do Velho corício no confronto com o mundo botânico, quando justaposta à objetiva fruição dos insetos, parece bem estabelecido pela crítica que quaisquer escalas de valores não são tão nitidamente cerradas pelo Virgílio geórgico.³⁵ Afinal, segundo arguta demonstração de Otis, o relato do mito a envolver Orfeu, como conduzido por Virgílio neste poema didático, apresenta-se com extremo requinte e subjetivamente construído quanto ao estilo, isto é, denotando forte empatia de um narrador, por vezes, também caracterizado como poeta,³⁶ sobre o mesmo aspecto valorativo, ainda, nas *Geórgicas*, como na obra de Virgílio em geral, de modo algum se impõe automaticamente o frio endossamento do “necessário” e do “prático” em prejuízo completo, por exemplo, da beleza “vã”.³⁷

³² VIRGÍLIO, *Geórgicas* II, v. 505.

³³ Cf. *supra* nota 24.

³⁴ CONTE, 1984, p. 43-53.

³⁵ CLAY, 1989, p. 189.

³⁶ OTIS, 1995, p. 200.

³⁷ OTIS, 1995, p. 103.

Sentidos do excurso do Velho corício em correlação com os excursos dos reinos de Saturno e de Júpiter (I 118-154) e do elogio da vida rústica (II 490-540)

O procedimento de leitura das *Geórgicas* com remissões a partes das obras de outros autores ou do próprio Virgílio é bastante comum, dada a natureza, inegavelmente, alusiva do trabalho do poeta³⁸ e as constantes “provocações” do texto aos embates ideológicos de todo tipo.³⁹ Assim, a partir de oportunos dizeres de Gale sobre a localização aproximada do excurso do Velho corício em ponto semelhante, no livro IV do poema, ao da anterior digressão dos reinos de Saturno e de Júpiter (I 118-154),⁴⁰ passaremos agora ao cotejo dos modelos de bem-aventurança humana expressos em um e outro caso.

A célebre passagem inicial a que nos referimos corresponde à própria explicação mítica da introdução do trabalho no mundo. Dessa maneira, enquanto, sob Saturno, vigorava a Idade Áurea e os homens não necessitavam trabalhar para ter acesso a bens naturais pródiga e espontaneamente oferecidos – “méis” (v. 131), “fogo” (v. 131), “vinhos” (v. 132), “trigo” (v. 134) –, a derrota do pai por Júpiter, apenas escape por dolo materno de ser devorado,⁴¹ acarretou a proposital introdução de dificuldades na vida. Assim, com essa ambígua “sucessão dinástica”, as serpentes dos campos tornaram-se venenosas (v. 129); os lobos, predadores (v. 130); os mares, agitados (v. 130); os rios,

³⁸ Para uma abordagem intertextual profunda da obra virgiliana, recomendamos o livro de FARRELL, 1991.

³⁹ Para que se considere a presença da “polifonia”, compreendida como amiudado embate entre visões de mundo/ ideologias no poema, recomendamos, sobretudo, a obra de GALE, 2000.

⁴⁰ GALE, 2000, p. 183.

⁴¹ BRANDÃO, 2009, p. 352-353.

navegados por jangadas de troncos (v. 136); os astros – as Plêiades, as Híadas, a Ursa –, nomeados (v. 137-138); os animais selvagens, capturados com redes e visco (v. 139); os cães, agentes de emboscada nas caçadas agrestes (v. 140); os rios e mares, espaços de pesca (v. 141-142); o ferro, matéria para a feitura de tantos instrumentos de trabalho (v. 143-144); e o trabalho – *labor* –, enfim, assenhoreou-se incessante de todas as coisas.

Segundo observado por Gagliardi, essa explicação mítica da introdução do trabalho e da cultura no mundo por influxo de Júpiter e da chegada da Idade Férrea dialoga fortemente com concepções semelhantes, mas não idênticas, de *Os trabalhos e os dias* do poeta grego Hesíodo, ou com aspectos do racionalismo lucreciano no *De rerum natura*.⁴² Em Hesíodo, então – *Os trabalhos e os dias*, v. 42ss. –, o próprio Júpiter, por um gesto de significados francamente punitivos,⁴³ removera a espontânea generosidade do cosmos para obrigar os seres humanos da Idade Férrea ao trabalho árduo e assíduo como única e honesta via de sobrevivência. Tal concepção da perda da bem-aventurança por uma espécie de erro remete-nos ainda, no relato hesiódico, à história do roubo do fogo divino, e de sua posterior entrega à humanidade, pelo Titã Prometeu. Desse modo, os deuses tiveram em Pandora, bela e primeira mulher a adentrar o mundo, um instrumento de sua vingança, pois que, dada como fatal presente a Epimeteu, o irmão do ladrão do fogo, não se conteve e abriu curiosa o jarro que portava e continha todos os males do mundo – fome, doença, velhice, guerra, trabalho, morte ... –, vindo, assim, a operar para a implementação dos desígnios supremos em nossa decaída existência.⁴⁴

⁴² GAGLIARDI, 1982, p. 27-29.

⁴³ GAGLIARDI, 1982, p. 27-28.

⁴⁴ HAMILTON, 1989, p. 49.

Lucrecio, por sua vez, em seu *De rerum natura*, rejeitara taxativo, segundo os ditames racionalistas da filosofia epicurista, que abraçara com zelo verdadeiramente missionário nesta obra,⁴⁵ todas as ideias vinculadas ao decorrer da história humana como fruto da atuação de entes extraordinários no cosmos, fossem eles personagens isoladas e excepcionalmente dotadas de força inventiva (à maneira de Evêmero),⁴⁶ fossem eles os próprios deuses a interferirem para o bem – recompensando – ou para o mal – castigando – na vida social dos homens.⁴⁷ Contudo, ao propor as sucessivas descobertas e avanços técnico-culturais humanos como respostas à mera necessidade diante de um mundo hostil,⁴⁸ ele se afina com a resolução do mito da Idade Férrea em Virgílio, pois nesse último poeta, de fato, apesar da remoção *divina* das benesses da vida e de um endurecimento da natureza igualmente motivado, todas as conquistas de nossa estirpe em termos dos avanços no saber resultaram de uma antes inaudita luta pela sobrevivência.⁴⁹

Por outro lado, como a introdução por Júpiter das dificuldades para o ser humano assume, nas *Geórgicas*, tons fortemente providenciais, pois o deus assim se teria portado com fins de despertar para o bem (mas pelo choque!) os mortais de uma eterna

⁴⁵ Cf. em mais detalhes, sobre o público e os prováveis intentos difusores da filosofia por Lucrecio com seu *De rerum natura*, GALE, 1994, p. 89-90.

⁴⁶ GALE, 1994, p. 80: *Lucretius, then, seems in fact to be as hostile to Euhemerism as he is to allegorism or to any of the other methods which were conventionally used to justify myth and "religio", rather than abolishing them in favour of true, Epicurean piety.*

⁴⁷ LUCRÉCIO, *De rerum natura* V, v. 1218-1240.

⁴⁸ LUCRÉCIO, *De rerum natura* V, v. 1448-1457.

⁴⁹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* I, v. 136ss.

e inerte letargia, não se excluem aqui as chances de alguma influência das ideias estoicas.⁵⁰

Seja como for, do forte ecletismo virgiliano no excurso dos reinos divinos se depreende uma imagem do bem-estar do homem coevo – um habitante do mundo na exigente Idade Férrea – que não pode prescindir de atentos esforços para a constituição de mínimas barreiras de segurança no confronto com as incertezas e dificuldades dos duros planos experienciais em que precisamos interagir. Algo dessa concepção do bem-estar como conquista, embora nunca de todo garantida, ao menos em algum grau facilitada pelos esforços também se faz presente no excurso do Velho corício: afinal, seu jardim, pequeno e de terra imprópria para a maioria das principais atividades agrícolas antigas – pecuária, grãos, uvas... –, apenas podia sustentá-lo com certa fartura porque ele soubera compensar-lhe as limitações, como vimos, com a assiduidade no trabalho e com a sabedoria de não exigir dessa terra o que ela jamais poderia oferecer-lhe.⁵¹

Uma vez que mencionamos um provável eco lucreciano no início das *Geórgicas* (I 118-154), remetemo-nos do excurso dos reinos divinos para o do Velho corício pela via de certas palavras de Gale sobre o “epicurismo” da mesma figura de ancião. Segundo a estudiosa,⁵² assim, não parece de todo imotivado que o Velho, como os adeptos daquela escola, viva retirado da turbulência social num horto, desfrute de autossuficiência/ autarquia, “rico” e feliz com o pouco que possui,⁵³ e, caso se aceite a anedota de Sérvio sobre ele corresponder a um antigo

⁵⁰ GAGLIARDI, 1982, p. 28.

⁵¹ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 130ss.

⁵² GALE, 2000, p. 181-182.

⁵³ Em *De rerum natura* V, v. 1117-1119, por sinal, Lucrecio trata exatamente da bem-aventurança dos que, por conhecerem a “verdadeira doutrina” (*uera ratio*) do Epicurismo, não cobiçam o mundo externo e são felizes com muito pouco.

pirata assentado ali,⁵⁴ manifeste o estado filosoficamente conhecido por *galenismos* (“aquietação”), como consequência da troca de uma vida ambiciosa e de crimes pela paz.

O recorte digressivo a que chamamos de “elogio da vida rústica” (II 490-540), ainda, oferece-nos novas chances de expandirmos nossa compreensão do “painel” do Velho corício.⁵⁵ Esse excurso, fundamentalmente, constrói-se como contraste com certa imagem da vida citadina justaposta, no mesmo livro II: assim, enquanto os ardilosos urbanos são seduzidos pelas “magistraturas”, pela “púrpura dos reis” (v. 495) e pelos “dacos a descer do Istro conjurado” (v. 497), “inquietam os mares com remos” (v. 503), “lançam-se a ferros” (v. 503-504), “atacam uma cidade com exterminios” (v. 505), ambicionam beber em “gema” preciosa (v. 506) e dormir sobre “púrpura fenícia” ou “ouro”, por medo, “enterrado” (v. 506-507), espantam-se nos “palanques” (v. 508), arrebatam-se com o “aplausos” lisonjeiro da “plebe” e do “senado” (v. 508-509), alegam-se “banhados pelo sangue dos irmãos” (v. 510), “trocaram pelo exílio as casas e os doces limiares” (v. 511) e “buscam uma pátria que se estende sob sol estrangeiro” (v. 512), bem distinta é a vida honesta do *agricola* romano.

Sem vãs ambições e a recorrência à brutalidade da guerra e das manobras políticas, tantas vezes, injustificáveis, ele “revolve a terra com o curvo arado”, em gesto estabelecedor da própria segurança rústica (v. 513); mói as azeitonas em prensas (v. 519); tem os “doces filhos” a pender “em torno dos beijos” (v. 523); vê a “casa casta” manter o “pudor” (v. 524), caírem os

⁵⁴ Cf. *supra* nota 10.

⁵⁵ Clay, por sua vez, preferiu apontar divergências entre o excurso do Velho corício e tal passagem do livro II das *Geórgicas*, sobretudo vinculadas ao fato de que, no segundo caso, o *agricola* é um pai de família com filhos, mas o Velho, ao que tudo indica, um completo e “despolitizado” solitário (1989, p. 187).

“úberes leitosos da vaca” (v. 524-525), disputarem na “relva viçosa” os bodes com “chifres hostis” (v. 525-526); e festeja com os companheiros em meio a coroas de flores, vinho e invocações a Baco (v. 527-529), entrega-se amistoso ao desporto com competições de lançamento de dardos ou, nu, de luta corpo-a-corpo (v. 529-531)...

Ora, a imagem do Velho corício, segundo retratada na passagem correspondente, manifesta certas afinidades com a rotina “pacífica” e pouco dada aos crimes da ambição dos tradicionais agricultores romanos. Com efeito, o Velho também dá tratos a seu pequeno jardim com a labuta das próprias mãos,⁵⁶ sustenta-se firmado em um *savoir vivre* em que se temperam mutuamente deleites triviais e esforços, alheia-se, em suas modestas alegrias, às armadilhas do luxo, dos prazeres e das vaidades mundanos,⁵⁷ recolhido em sua casa, não tem de rechar ou envaidecer-se com os julgamentos públicos... Em resumo, a própria austeridade de seu lugar de existência – um pobre jardim/ horto/ apiário –, com os consequentes trabalhos e cuidados a todo momento exigidos, ou mesmo, voluntariamente buscados,⁵⁸ priva-o do próximo contato com males como aqueles a que se expõem os fúteis e infelizes citadinos, pela visão virgiliana do excursão do elogio da vida rústica.

Isso dito, sobre o conjunto *total* de nossas observações até o presente momento propomos considerar o excursão do Velho corício exemplificador de certas concepções virgilianas sobre alguma possível felicidade para o homem na medida em que, harmonizado com os tons eminentemente rurais das *Geórgicas*, prima pela defesa de uma honrosa autossuficiência, do sereno equilíbrio no confronto com faces mais ou menos prazerosas da vida, da satisfeita fruição de bens simples mesmo na pobreza,

⁵⁶ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 130ss.

⁵⁷ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 132.

⁵⁸ VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV, v. 138ss.

da fuga ao falso brilho de posições faustosas... Nisso, segundo os direcionamentos do olhar, podem-se encontrar ressonâncias de distintas correntes filosóficas antigas, mas também claros ecos de tradicionalismo agrário à maneira romana.⁵⁹

Referências

- BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2009. V. I.
- CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006.
- CICERÓN. *Catón el Viejo. Lelio o de la amistad*. Traducción directa del latín por V. L. Soto. Barcelona: Editorial Juventud, 2005.
- CICÉRON. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par P. Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- CLAY, J. S. The old man in the garden: “Georgics” 4.116-148. In: Falkner, M.; de Luce, J. (ed.). *Old age in Greek and Latin literature*. Albany: State University of New York Press, 1989, p. 183-194.
- CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 768.
- CONTE, G. B. Aristeo, Orfeo e le “Georgiche”: struttura narrativa e funzione didascalica di un mito. In: Conte, G. B. *Virgilio: il genere e i suoi confini*. Milano: Garzanti Editore, 1984, p. 43-53.

⁵⁹ KOLENDO, 1989, p. 219: *Le “Georgiche” di Virgilio sono un poema didascalico, ma non erano certo destinate ai contadini. Il poeta rievoca tuttavia il modo di vita dei contadini che aveva conosciuto a Mantova, negli anni della giovinezza. Egli pensa a un piccolo podere: “Ammira i grandi poderi, ma coltiva uno piccolo”. (2, 412 sg.). Il simbolo idealizzato del contadino virgiliano è il celebre ‘senex Coricius’ (uno dei pirati di Cilicia vinti da Pompeo e insediati in Italia meridionale), che da pochi iugeri di terra abbandonata in quel di Taranto aveva creato un orto meraviglioso (4, 116-48).*

FARRELL, J. *Virgil's "Georgics" and the traditions of ancient epic*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991.

GAGLIARDI, D. Lettura del primo libro delle "Georgiche". In: Gigante, M. (org.). *Lecturae uergilianae: volume secondo – le "Georgiche"*. Napoli: Giannini Editori, 1982, p. 11-39.

GALE, M. *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: University Press, 1994.

GALE, M. *Virgil on the nature of things: the "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Oxford: University Press, 2000.

HAMILTON, R. *The architecture of Hesiodic poetry*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1989.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e notas de Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

JUVÉNAL. *Satires*. Texte traduit par O. Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

KOLENDO, J. Il contadino. In: Giardina, A. (org.). *L'uomo romano*. Bari: Laterza & Figli, 1989, p. 217-232.

LEHMANN, A. "Vtilitas et delectatio". Varron théoricien de l'esthétique classique. *Latomus. Revue d'Études Latines. Varron critique littéraire. Regard sur les poètes latins archaïques*. Bruxelles, v. CCLXII, p. 259-277, 2002.

LUCRÈCE. *De la nature*. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1948. Tome II.

OTIS, B. *Virgil: a study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995.

PIGNATARI, D. *31 poetas, 214 poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

TOOHEY, P. *Epic lessons. An introduction to the ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, M. *Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina*. Tese inédita submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.

VIRGIL. *Georgics. Volume II: books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1997.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGÍLIO. *Geórgicas. Eneida*. Traduções respectivas de António Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre: W. M. Jackson, 1970.

WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

Resumo

Analisa-se aqui a passagem virgiliana do “excurso do Velho corício” (*Geórgicas* IV, v. 125-148), primeiro em correção com a caracterização das abelhas no mesmo livro IV do poema; em seguida, comparando com os excursos dos reinos de Saturno e de Júpiter (I 118-154) e do elogio da vida rústica (II 490-540). Espera-se, assim, depreender dessas leituras comparativas elementos passíveis de esclarecer algumas ideias de Virgílio sobre a felicidade humana nessa obra.

Résumé

On analyse, ici, l'excerpt virgilien de "l'excuse du Vieux corycien" (*Géorgiques* IV, v. 125-148), d'abord en corrélation avec la caractérisation des abeilles au même livre IV du poème; après, par des comparaisons avec les excursions des royaumes de Saturne et de Jupiter (I 118-154) et de l'éloge de la vie rustique (II 490-540). On attend, alors, déprehender par ces lectures comparatives des éléments passibles de mettre en lumière quelques idées de Virgile sur la félicité humaine dans cet ouvrage.